

ÉTICA E MORAL – CONSIDERAÇÕES GERAIS

Todas as culturas e todas as sociedades instituem uma moral, isto é, um conjunto de valores que dizem respeito ao bem e ao mal, ao que pode ser feito e ao que é vedado, e ao que é considerada uma conduta correta, isto é, válida para todos os membros das culturas e sociedades.

A seguir algumas definições de moral numa tentativa de clarear o assunto:

Moral: “Ciência do bem e do mal”

Moral: “Ciência dos deveres e virtudes”

Moral: “Ciência da felicidade ou do fim da atividade humana”

Moral: “Ciência do destino humano”

Moral: “Conjunto de regras que determinam o comportamento dos indivíduos na sociedade”

Exterior e anterior ao indivíduo, há uma moral constituída que orienta o comportamento do homem por meio de normas. O ato será considerado moral ou imoral de acordo com a sua adequação ou não à uma norma previamente estabelecida, em um grupo ou numa sociedade.

Fazendo uma viagem retrospectiva no tempo, vemos que estas questões relativas ao bem e ao mal foram tratadas por primeiro pelo filósofo grego Sócrates [470 - 399 ac]. Isto sabemos pelos escritos de Aristóteles [384 – 322 ac] e Platão [427 – 347 ac].

As discussões Socráticas a respeito do bem e do mal deram início ao que chamamos hoje de ética ou filosofia moral, porque falam claramente a respeito do campo em que se situam os valores e as obrigações morais, dando como ponto de partida a consciência do agente moral, isto é, do homem.

Sócrates diz, então, que “é sujeito ético moral somente aquele que sabe o que faz (tem consciência), conhece as causas e os fins da sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes, e a essência, isto é, o íntimo dos valores morais”.

Sócrates vai mais longe quando diz que “somente o ignorante é vicioso ou incapaz da virtude, pois quem sabe o que é o bem, não pode deixar de praticá-lo, isto é, agir virtuosamente”.

Vejamos agora o que é virtude. É a permanente disposição de querer o bem, quer dizer, ter a coragem de assumir os valores preferidos e encarar corajosamente os obstáculos que possam eventualmente constranger a ação. Para Aristóteles, a virtude é a equidistância entre dois vícios: um por excesso e outro por falta.

Portanto, a virtude consiste em saber escolher com prudência o justo meio, a proporção e a medida. Assim a coragem é o meio termo entre a temeridade (excesso) e a covardia (falta).

Por tudo o que foi dito sobre moral vamos constatar em seguida que a simples existência de uma moral não significa a presença evidente de ética, pois que a ética é uma reflexão que questiona, discute, elabora e interpreta os valores morais.

Como consequência temos que a ética é um saber prático porque é o conhecimento daquilo que só existe como consequência de nossa ação e, portanto depende de nós. A ética refere-se, pois, à práxis – na prática o agente, a ação e a finalidade da ação são elementos inseparáveis – não há como distinguir, isto é, separar o agente da ação.

Por isso é que afirmamos que na práxis ética nós somos aquilo que realizamos e aquilo que realizamos é, em si, o fim bom e virtuoso. Não dá para separar o indivíduo da sua ação. Por isso é que se fala em comportamento ético – “tal pessoa é ética”, “fulano agiu eticamente”.

O pensamento filosófico antigo coloca alguns princípios básicos que orientam a vida moral:

1º Os seres humanos naturalmente desejam o bem e a felicidade que só podem ser alcançadas através de um comportamento virtuoso.

2º A virtude é uma tendência interior do caráter – concorrem para isso a consciência do homem que conhece o que seja o bem e o seu comportamento deve ser dirigido pela razão que, por sua vez, ajuda a controlar os seus instintos.

3º A conduta ética é pautada pela superioridade da vontade do homem sobre seus instintos, sobre a vontade alheia, confirmando, assim, a sua autodeterminação e independência.

Por fim, dizemos que a característica fundamental do homem ético ou moral reside no fato de ele não se submeter aos acasos da sorte, à vontade dos outros, aos impulsos de suas paixões, mas de se orientar sempre pela sua própria consciência, que por sua vez deverá conhecer e discernir entre o bem e o mal. E mais, usar sempre a razão, que lhe dará os meios adequados para alcançar os objetivos morais.

A busca do bem e da felicidade são, pois, o conteúdo, o cerne da vida ética.

Os filósofos antigos diziam que a vida ética resulta de um combate incansável do homem com suas paixões e a sua razão. Para eles, a vontade possui um valor decisivo sobre o resultado desta batalha que o homem trava consigo mesmo, o tempo todo. Mas advertem que: a educação vem ao auxílio do homem neste momento crucial. É através da educação da vontade que o homem terá condições de superar suas paixões, através do uso da razão.

São, pois, três os aspectos que ressaltaram os antigos filósofos no tocante à ética:

1º Racionalismo – a virtude está na ação controlada pela razão.

2º Naturalismo – nosso agir tem que estar em acordo com a natureza.

3º Inseparabilidade entre a ética e a política – o homem deverá agir de acordo com os valores da sociedade, pois só assim encontrará a liberdade, a justiça e a felicidade.

Finalmente, a ética era conhecida como a educação do caráter do sujeito moral, para ter sob seu absoluto controle racional os seus impulsos, a fim de direcionar a sua

vontade no sentido do bem e da felicidade, também visando em último fim a boa convivência na sociedade.

A ética deveria promover a convivência harmônica entre um homem de caráter virtuoso e uma sociedade também virtuosa, isto é, uma coletividade composta de homens de valores considerados virtudes.

Após todas essas considerações sobre bem e mal, moral, ética e comportamento moral ou ético, faz-se necessário buscar uma tentativa de definir Ética como campo de conhecimento humano. Assim diremos que a Ética ou Filosofia Moral é a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito dos fundamentos da vida moral. E que fundamentos são estes? Nos parece que são dois, a saber, um interno e outro externo.

Como fundamento interno diremos que a moral nos surge como algo que se deseja. Nasce do desejo do homem, da opção do homem de realizar o bem. Assim, os valores morais são internos à consciência, desejados por ela e fazem parte de um ato de vontade do homem.

O externo é fundamento que nos diz que a consciência moral é algo que se nos impõe, como uma autoridade soberana. Ela tem o aspecto formal de uma obrigação, de um dever imperioso e que não está em discussão. Assim a moral se apresenta como algo externo, fora da nossa consciência e que submete a nossa vontade fazendo com que nos curvemos a ela.

Não se pode mesmo contestar que a exigência moral se apresente à nossa consciência sob a forma de obrigação, de dever.

A consciência moral se submete, pois, a uma obrigação que ultrapassa os limites da própria vontade, contrariando às vezes, não raro, os nossos próprios interesses e nossas paixões.

Durkheim dizia que “nossa consciência moral é apenas o eco do que ele denomina de consciência coletiva”. A partir do momento que o homem não vive só e sim em sociedade, o bem coletivo passa a sobrepôr o bem individual. Assim, o dever é coletivo.

Considerações finais

A palavra moral vem do latim *mos, mores* e designa costumes e tradições específicas de cada povo, vinculadas a um sistema de valores próprio de cada cultura ou de um caminho religioso, espiritual.

A moral muda conforme as culturas ou mesmo dentro de uma mesma cultura, em conformidade com as diferenças dos grupos. Existem morais relativas a profissões, assim sendo, há moral para médicos, bombeiros, militares, operários e assim por diante. Dizemos então que a moral é pluralista por natureza. Mas, o ponto crucial é que, ainda que haja muitas morais e que elas sejam mutáveis ao longo do tempo, dado que as circunstâncias são transitórias, deve sempre haver um denominador comum, que é a ética.

Dizemos então que a ética tem um papel muito mais abrangente que a moral. Diremos mais, que a ética abraça as morais ultrapassando aquilo que é um costume, uma tradição até, para se preocupar com as mudanças históricas, as mudanças de mentalidade, com as lutas decorrentes das transformações sociais.

A ética abraça transformações que permitem que a moral continue sendo moral e não moralismo. A ética, neste sentido, desacomoda a moral, dá a ela um dinamismo que passa a garantir o bem estar social.

Assim sendo, podemos dizer que a “moral representa um conjunto de **atos** repetidos, tradicionais, consagrados”, enquanto a ética “corporifica um conjunto de **atitudes** que vão além desses atos”.

Explicando melhor: “o ato é sempre concreto, fechado em si mesmo”, enquanto a atitude é “sempre aberta para a vida, com suas incontáveis possibilidades”.

Não é suficiente sermos morais, apegados a valores e tradições. Se adotarmos esta posição estaremos sendo moralistas e tradicionais.

É preciso ir muito além disso. Ter determinação para deixar de lado coisas que não tem mais utilidade nas muitas morais existentes e, atendendo a um chamado ético, assumir novas posturas, definir novos valores com a responsabilidade não de fazer novos modismos, mas, para promover o bem estar das pessoas e do coletivo.

A renovação da moral deve ser portanto constante, sempre sob a orientação da ética. É a ética quem nos dá diretrizes para combater a miséria, a corrupção, o abuso do poder qualquer que seja ele, a violência e a guerra.

É ela, a ética, que nos torna sensíveis a tudo o que é novo e nos dá elementos para, com responsabilidade e serenidade, entendermos o contemporâneo.

Heráclito [550 – 480 ac], filósofo grego, dizia que “a ética é o anjo protetor do ser humano”.

É o porto seguro para o nosso comportamento nestas águas turbulentas dos oceanos de nossas vidas. De resto só teremos a barbárie!

Bibliografia

Jolivet, Regis – Tratado de Filosofia IV – Moral, Agir Editora, 1966

Aranha, Maria L A e Maria Helena P Martins – Filosofando, Ed. Moderna, 1986

Morente, Manuel Garcia – Fundamentos de Filosofia, 8ª edição, Ed Mestre Jou

Boff, Leonardo – A águia e a Galinha, Ed.Vozes, 1997

Chauí, Marilena – Convite à Filosofia, Ed. Ática, 12ª edição, 2000.

Huisman, Denis – Curso Moderno de Filosofia, Ed. Freitas Bastos, 8ª edição, 1983